

DA MORTE DE SI À MORTE DO OUTRO: ESPETACULARIDADES DA MORTE VIVIDA NA ILUMINAÇÃO DE FINADOS EM CURUÇÁ-PA.

Valéria Fernanda Sousa Sales (Universidade Federal do Pará –UFPA)¹

RESUMO

O município de Curuçá-PA vivenciou grandes cerimônias públicas de velórios, cortejos fúnebres e sepultamentos no adro da igreja de N.Sra. do Rosário até a metade do século XIX. Período em que o moribundo organizava sua despedida do plano terrestre e assegurava sua salvação no plano espiritual. Com a mudança do espaço cemiterial para longe do centro da cidade, as Espetacularidades da morte vivida reconfiguraram-se, da preocupação com a morte de si para a morte do outro, preservando a memória do morto e perpetuando a propriedade cemiterial familiar na Iluminação de Finados.

PALAVRAS-CHAVE: Espetacularidades; Iluminação de Finados; Curuçá-PA; Morte vivida; Espaço cemiterial.

RESUMEN

El municipio de Curuçá-PA vivió grandes ceremonias públicas de velorios, procesiones fúnebres y entierros en el cementerio de N.Sra do Rosário hasta mediados del siglo XIX. Periodo en que el moribundo organizó su despedida del plano terrestre y aseguró su salvación en el plano espiritual. Con el traslado del espacio cementerio lejos del centro de la ciudad, se reconfiguraron las Espectacularidades de la muerte vivida, desde la preocupación por la muerte de uno mismo hasta la muerte del otro, preservando la memoria de los muertos y perpetuando la propiedad del cementerio familiar en la Iluminación de los Muertos.

PALABRAS-CLAVE: Espectacularidades; Iluminación de los Muertos; Curuçá-PA; Muerte vivida; Espacio Cementerio.

O momento atual de nossa resistência pela vida na pandemia de COVID-19 que até o dia 13 de agosto de 2021, ceifou a vida de 567.862 brasileiros², vem levantando

¹ Doutoranda Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA), Orientanda do Prof. Dr. Miguel Santa Brigida. Sou atriz, Encenadora, Professora de Literatura Luso-Brasileira da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA).

questões sobre os rituais fúnebres no nosso país e nossa relação com o luto que se ampliou para o patamar de luto coletivo. Antes da pandemia, não havia tempo para se pensar no assunto, nem para viver, tudo estava no automático: trabalho, escola, casa, família, comer e dormir. As férias eram vendidas, as visitas ficavam para depois, a conversa descontraída com os familiares em um encontro, ficava para depois... Não havia tempo a perder antes da pandemia, sobreviver no caos era a regra.

A avidez em ter planos de saúde, pois assim se morre no conforto do hospital... A certeza do bem morrer: a melhor imagem (roupa adequada no caixão), o velório acompanhado pelos familiares, a certeza da despedida... Tudo foi negado às famílias vítimas deste tempo pandêmico: o tratamento do vírus foi através do SUS (Sistema único de Saúde), o plano de saúde não serviu... A roupa escolhida ou almejada para a despedida não foi possível de ser vestida, o corpo foi lacrado do jeito que o paciente chegou ao hospital... A despedida com o corpo a ser velado não veio, o caixão lacrado dentro do carro funerário passou pela frente da casa da família enlutada que se despediu com acenos... A morte chegou com a negação da despedida, o não ritualizar a passagem do ente querido de vivo para morto deixa uma ferida aberta que levará bastante tempo para cicatrizar.

A parada obrigatória no círculo frenético do tempo do trabalho e o corte brusco dos rituais cotidianos fez o caminho inverso, a vida não era lá fora, mas sim, dentro. Nossa relação com a morte está outra, o não ritualizar nos descaracteriza do que sempre fomos, mas a vida sempre exige paradas no tempo. Nas epidemias do século XIX, reconfigurou-se o olhar para os rituais fúnebres, antes nas igrejas católicas que detinham como propriedade o corpo de seus fiéis, que acreditavam na salvação de sua alma, a igreja era o campo santo das imagens sacras, orações e visitas constantes. A partir das proibições de enterros nas igrejas, pelo grande risco de contaminação dos demais fiéis, muda-se o local, a preocupação individual pela salvação da alma, o domínio da igreja católica e o acesso da medicina aos corpos humanos.

Para discutir a mudança dos rituais cotidianos sobre a morte e as mentalidades vigentes no século XIX ao XXI, trilharei minha compreensão pela história do Município de Curuçá que está localizado no nordeste do Estado do Pará, distante 140 km da capital, Belém. Sua fundação advém de uma missão jesuítica na segunda metade do século XVII (FERREIRA, 2002: 31). Local com o aldeamento de Curuçá, na provisão régia de 23 de

²<https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/> Acesso em 15/08/2021, 19:19.

setembro de 1652 sancionada pelo Rei de Portugal D. João IV, missão consagrada à Nossa Senhora do Rosário. A aldeia Curuçá possuía 499 indígenas em 1730 e de 1751 até 1753 é considerada uma das missões mais importantes do Estado do Pará.

A disposição das missões caracterizada pela igreja com a casa dos padres em anexo, praça em frente, residências, cemitério e horta (ARENZ, 2012), permanece quase intacta na atualidade quanto à sua estrutura, contudo, o cemitério e horta sofreu um apagamento com diversas reformas no local. A memória cemiterial do século XIX no município permanece registrada em livros de óbitos pertencentes ao Arquivo Público de Curuçá. Registros de sepultamentos até o ano de 1856, quando o local cemiterial mudou para longe do centro da cidade, para o cemitério São Bonifácio.



Imagem 01: Igreja de N. Sra. do Rosário que ainda preserva características das Missões Jesuíticas³

Até o ano de 1856 os sepultamentos dos moradores de Curuçá foram realizados no adro da igreja de N. Sra. do Rosário e aqueles que não conseguiam as exéquias ou não eram católicos, foram sepultados em sítios particulares. Realizaram-se sepultamentos com rituais do Funeral Barroco, os féretros acompanhados por párocos e a Cruz da Fábrica. Os funerais apresentavam velórios pomposos para recepcionar os familiares e amigos do falecido, com cortejos na rua onde todos eram convidados a participar e ajudar na salvação da alma daquele que organizou seu próprio funeral em um grande espetáculo público. A partir de registros de óbitos dos anos de 1836 a 1872, pode-se verificar sepultamentos de indígenas, escravos, anjos escravos, cafuzos,

³ Imagem da autora, pesquisa de campo, Curuçá-PA, 2021.

mamelucos (SALES, 2014). O adropossuía em 1836, a quadra 1e em 1854 apresentava túmulos na quadra 55.

Até a metade do século XIX houve a predominância do Funeral Barroco, Philippe Ariès (2012) caracteriza o período oitocentista com a vigênciada domesticação da morte, familiarizada na sociedade através de rituais funerários. No velório, despedidas da família e amigos, comidas, bebidas e rituais católicos eram realizados. A confissão dos pecados e a Extrema Unção, era realizada no anfitrião do próprio velório, enquanto os convidados comiam e bebiam em uma grande confraternização. Com a chegada da morte, as orações finais eram proferidas e o cortejo para o sepultamento seguia para a igreja, locaisagrado com suas simbologias para a salvação da alma. A consciência da morte de si estava presente neste período como um autocuidadode salvação e preparação para este momento de certeza dos desejos atendidos.

Com a Política Higienista estabelecida no século XIX, foram proibidos os sepultamentos nas igrejas:

Além do debate médico, e fundamentando-o, havia um debate político em curso. Tratava-se, afinal, de reduzir a influência da igreja, vista como símbolo do atraso proveniente da vida colonial, a partir do predomínio da esfera da vida social – a morte – até então sobre controle do clero. E tratava-se, a partir daí, de transformar o cemitério em território laico, exemplar a partir de sua laicidade e livre da zona de influência do catolicismo. Tratou-se, ainda, de uma batalha na qual a medicina enquanto profissão e enquanto campo simbólico empenhou seu futuro. O que estava em disputa era a posse dos cadáveres, que os médicos visavam transformar em objetos de estudos, o que, contudo, tornava indispensável a sua dessacralização. Mas, para que isso fosse feito, eles precisavam ser retirados do interior dos templos, ou seja, era necessário que deixasse de ser propriedade da igreja. (SOUZA, 2020, p. 121-122)

A proibição dos sepultamentos nas igrejas não visava somente o risco de contaminação por ocasião de epidemias de Febre Amarela e Cólera, tratava-se também da dessacralização da propriedade do corpo morto cobiçado pelos estudantes do curso de Medicina que se fortificava no país, além de prover a diminuição da influência católica nos sepultamentos, assim o cemitério fora da igreja seria uma terra laica e a família teria o poder sobre o corpo de seu morto. A alegação explícita naquele período foi afastar o risco de contaminação sobre os fiéis que frequentavam as missas. No ano de 1856, no Município de Curuçá, foi fundado o cemitério São Bonifácio, que longe do centro da cidade ganha o poder público em sua administração e a propriedade da terra para a família enlutada:

Agora, queria-se não só que se voltasse ao local exato onde o corpo havia sido colocado, mas também que esse lugar pertencesse, como propriedade exclusiva, ao defunto e sua família. Foi então que a concessão da sepultura tornou-se uma certa forma de propriedade, subtraída ao comércio mas com perpetuidade assegurada. Foi uma grande inovação. Vai-se, então, visitar o túmulo de um ente querido como se vai à casa de um parente ou a uma casa própria, cheia de recordações. A recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade [...].

Trata-se, portanto, de um culto privado, mas também, desde a origem, de um culto público. O culto da lembrança imediatamente estendeu-se do indivíduo à sociedade [...]. (ARIÈS, 2012, p. 77).

O cemitério extra-urbano deu aos mortos propriedades tumulares, o que diferenciosos sepultamentos nas igrejas em que o corpo morto ficava aos cuidados dos religiosos e a não localização do túmulo deixava a família sem um local exato para velar seu ente querido. Com a terra comprada, as famílias enlutadas passam a ter a preocupação com a preservação da memória do falecido e a extensão territorial familiar que se perpetuará quanto aos cuidados e preservação de seu poderio social enquanto vivos e mortos.

ILUMINAÇÃO DE FINADOS EM CURUÇÁ-PA

A homenagem ao morto familiar no cemitério São Bonifácio, no centro do município de Curuçá, tem sua preparação com a plantação da mandiocaba (mandioca doce) no mês de janeiro. A bebida feita com o sumo da mandiocaba é a manicuera, uma bebida adocicada gelada que acompanha macaxeira ou arroz cozido e servido em uma cuia. Uma bebida típica do período de finados produzida por mulheres que repassam seus conhecimentos para suas descendentes por gerações. O que se verifica também como atividade do período os pequenos serviços de reparo, pintura e lavagem dos túmulos e escrita de nomes, datas de nascimento e morte nas cruces, função esta dos biscateiros. Homens que possuem um ofício dedicado ao respeito aos mortos e assim também, conseguem aumentar suas rendas familiares.

Assim como as vendedoras de manicuera e os biscateiros, a atividade que começa antes é a confecção de grinaldas de flores para enfeitar os túmulos. Trabalho delicado que representará aos olhos do familiar enlutado, o carinho e saudade pelo morto familiar. O poder público inicia seus trabalhos de limpeza do cemitério e demarcação dos locais de vendas de comidas e bebidas no Bosque da Igualdade (em frente ao cemitério) no mês de outubro.

O Dia de Finados em Curuçá, dedicado aos mortos familiares que recebem visitas, orações e velas em seus túmulos. O cemitério São Bonifácio atende a população

do centro da cidade, da vila de São João do Abade e as localidades de Curuperé, Arapiranga, Andirá, Pinheiro e ex-moradores do município que possuem uma relação de pertencimento com o cemitério em que seus antepassados estão sepultados. A Iluminação de Finados é um Ritual Espetacular Secular, em suas características política-econômica-social:

Rituais são uma forma das pessoas lembrarem. Rituais são memórias em ação, codificadas em ação. Rituais também ajudam pessoas (e animais) a lidar com transições difíceis, relações ambivalentes, hierarquias e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária. (SCHECHNER, 2012, p. 49-50).

A Iluminação é um ritual importante por repetir memórias como acender velas nos túmulos de familiares repassadas por gerações. Velas acesas para iluminar o caminho dos mortos, ajudar seu familiar a encontrar o caminho da luz, da salvação. Deixar flores nos túmulos, lembrar, rezar por aqueles que se foram, são memórias em ação realizadas por familiares na certeza de chegada seu momento de partida, sempre terá alguém para iluminar seus caminhos, lembrar de seus feitos e deixar a chama do amor familiar sempre acesa. A Iluminação de Finados em Curuçá está ligada à interação dos praticantes que na alteridade tem a consciência clara do olhar do outro, a Espetacularidade (BIÃO, 2009). Ir ao cemitério iluminar o caminho dos mortos é a consciência clara da presença e olhar do outro visitante naquele momento, assim há a preparação do visual para o encontro com os amigos, vizinhos e familiares que estarão no cemitério para homenagear seus mortos.

A Espetacularidade na Iluminação está no ato organizar-se para o olhar do outro, o que acompanha a tendência mercadológica em vender para todos os públicos, o que chega ao cemitério com camisetas personalizadas com a homenagem para o morto familiar, banners com fotografias dos últimos momentos do parente vivo e frases de amor e certeza de salvação da alma do falecido. Nos túmulos também aparece a preocupação com a imagem de grande poder da família quanto ao tamanho das lápides, materiais utilizados, número de visitantes e velas acesas no local. A família enlutada preocupa-se não somente em ajudar na salvação da alma do morto familiar, mas também em perpetuar o poder da família que tem seu lugar na terra dos vivos e na terra dos mortos.

Toda a relação da Iluminação e a morte vivida em Curuçá está ligada ao convívio dos vivos com os mortos: o cemitério é um local de moradia dos mortos; os túmulos são construídos, limpos, enfeitados para os mortos; as orações e homenagens

são feitas para os mortos. Até mesmo com a pandemia de COVID-19 em que os horários de visitação no Dia de Finados foram restritos, o curuçaense não deixou de ajudar seu ente querido a encontrar um caminho de luz, quem não foi ao cemitério, fez orações e acendeu velas em seu quintal. Os rituais foram reconfigurados na Iluminação Finados neste período pandêmico, contudo não deixou seu significado e afeto se perderem pela falta da presença física do espaço cemiterial, a mudança de mentalidade criada pelas paradas do tempo -seja pelas epidemias do século XIX que mudou o local de sepultamento e a preocupação com a salvação da alma de si para a salvação da morte do outro – estão mescladas novamente com a preocupação da morte de si e do outro, assim cada vez mais tem-se túmulos de vivos nos cemitério, pessoas preocupadas com o local onde serão sepultadas e já constroem túmulos para si e seus familiares, além de adquirirem planos funerários. As reflexões da atualidade trazem a vontade de viver mais e a espera pelo término deste tempo de isolamento social para realizar os rituais de despedidas dignos daqueles que não tiveram.

REFERÊNCIAS

- ARENZ, Karl Heinz. **“Fazer sair da selva”**: as missões jesuíticas na Amazônia. Belém: Estudos amazônicos, 2012.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana de Siqueira – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso).
- BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Aspectos epistemológicos e metodológicos da etnocenologia: por uma cenologia geral. In: BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A Gráfica e Editora, 2009. p. 89-94.
- FERREIRA, Paulo Henrique dos Santos. **Fragmentos históricos de Curuçá**. 1ª Edição, volume I. Castanhal – Pará: Graf – Set, 2002.
- SALES, Valéria Fernanda Sousa. **Lágrimas e cachaça**: a Espetacularidade do cortejo fúnebre do Frete em São João do Abade, Curuçá-PA. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2014.
- SCHECHNER, Richard. **Performance e Antropologia em Richard Schechner**. Seleção de ensaios organizada por Zeca Ligiéro; [Tradução Augusto Rodrigues da Silva Júnior ... et al.] – Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **A morte no Brasil**: representações e práticas. Curitiba: PUCPRESS, 2020.